

RESSALVA

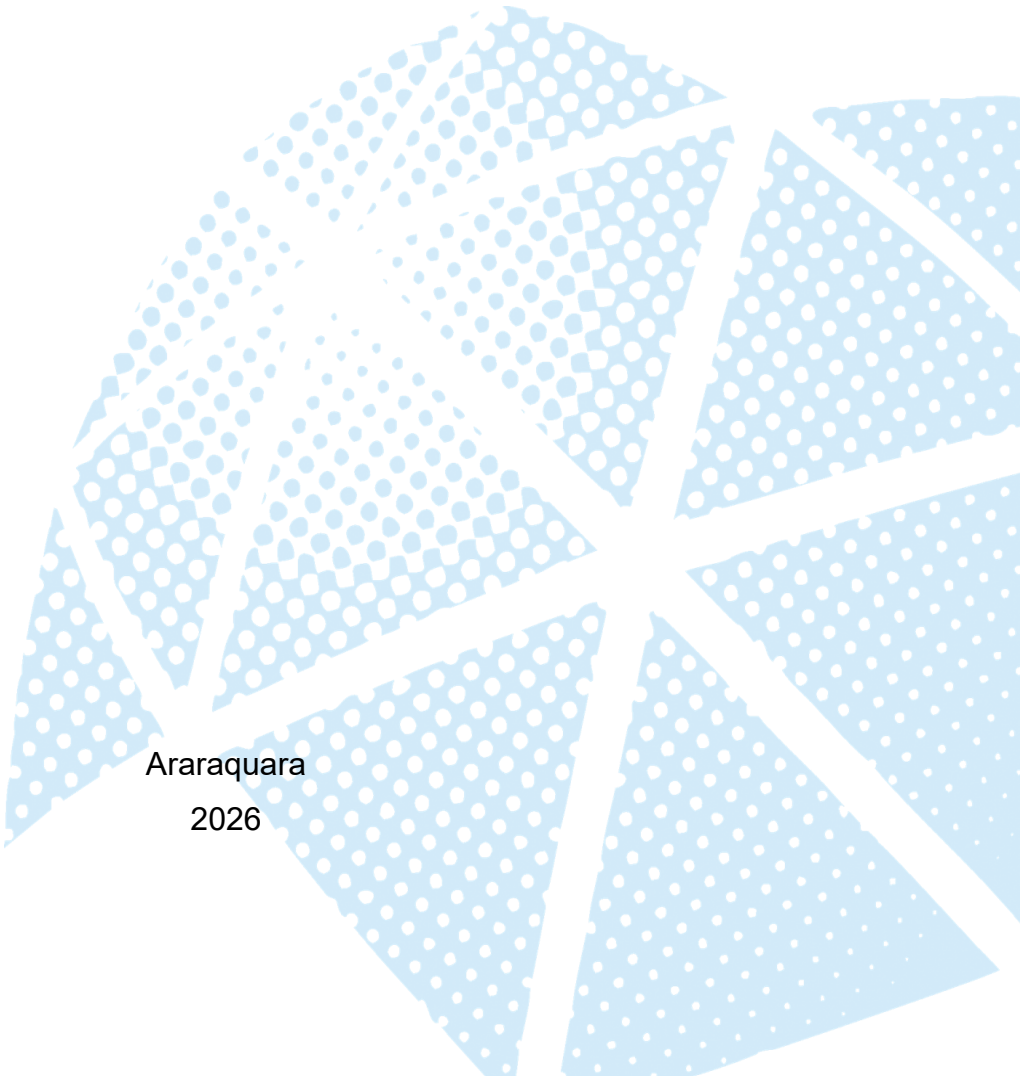
Atendendo solicitação da autora, o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 06/08/2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências Farmacêuticas - Campus de Araraquara

CARLA GONÇALVES GUARESCHI

**Frequência de emoções e impulso do desejo de ingerir alimentos:
validação do *Florence Emotional Eating Drive (FEED) Questionnaire***

Araraquara
2026



Carla Gonçalves Guareschi

**Frequência de emoções e impulso do desejo de ingerir alimentos:
validação do *Florence Emotional Eating Drive (FEED) Questionnaire***

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos.

Área de Concentração: Alimentos e Nutrição

Orientador: Prof. Dr. Wanderson Roberto da Silva

Araraquara

2026

G914f

Guareschi, Carla Gonçalves.

Frequência de emoções e impulso do desejo de ingerir alimentos:
validação do *Florence Emotional Eating Drive (FEED) Questionnaire* /
Carla Gonçalves Guareschi. – Araraquara, 2026.
74 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara. Programa de Pós-
Graduação em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos. Área
de concentração: Alimentos e Nutrição.

Orientador: Wanderson Roberto da Silva.

1. Ingestão de alimentos. 2. Emoções. 3. Comportamento
alimentar. 4. Psicometria. I. Silva, Wanderson Roberto da, orient. II.
Título.

Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação - Faculdade de Ciências Farmacêuticas
UNESP - Campus de Araraquara
Vilma Bruna Mastelari Costa - CRB 8/10938

CAPES: 33004153070P3
Esta ficha não pode ser modificada

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Frequência de emoções e impulso do desejo de ingerir alimentos: validação do Florence Emotional Eating Drive (FEED) Questionnaire

AUTORA: CARLA GONÇALVES

GUARESCHI ORIENTADOR:

WANDERSON ROBERTO DA SILVA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos, área: Alimentos e Nutrição pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. WANDERSON ROBERTO DA SILVA (Participação Virtual)
Programa de Pós-graduação em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos - UNESP / Universidade Estadual Paulista - UNESP

Prof. Dr. PEDRO HENRIQUE BERBERT DE CARVALHO (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / Câmpus de Governador Valadares da Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor CÉSAR HENRIQUE DE CARVALHO MORAES (Participação Virtual)
Departamento de Nutrição / Universidade São Francisco - USF

Araraquara, 06 de fevereiro de 2026.

Dedico esta dissertação de mestrado aos meus primeiros e mais importantes mestres, meus pais, cujos ensinamentos não cabem em referenciais teóricos ou títulos acadêmicos, mas vivem em mim como fundamento de tudo o que sou. Às minhas avós, Benedita, Eulália e Vilma, que apesar de não terem presenciado fisicamente o meu ingresso no âmbito acadêmico, certamente estão orgulhosas da minha trajetória científica e de quem eu me tornei como indivíduo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Expresso minha sincera gratidão à agência pelo suporte financeiro que possibilitou a elaboração desta dissertação.

Agradeço, igualmente, à Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP e à Seção Técnica da Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos pelo acolhimento, ajuda e apoio durante o desenvolvimento deste trabalho. Reconheço, ainda, a importância da existência de uma universidade pública de excelência, sem a qual esta realização não teria sido possível.

Ao meu querido orientador, Wanderson, obrigada por me acolher com tanta generosidade desde o nosso primeiro contato. Seu olhar atento, sua escuta sensível e a confiança depositada em mim foram fundamentais em todo este percurso. Sou imensamente grata por ter me aberto portas que ultrapassaram os limites da psicometria e por acreditar no meu potencial para integrar este projeto. Admiro-o profundamente como professor e pesquisador, mas ainda mais como ser humano. Seguimos juntos!

As minhas colegas do grupo de pesquisa, Denise e Marina, obrigada por dividirem comigo muito mais do que dados e teorias, construímos uma rede de apoio, desabafos e risadas que tornou esse processo mais leve.

Ao meu companheiro de vida, Leonardo, não existem palavras suficientes para te agradecer por tudo que você faz por mim. Você foi meu porto seguro em todos os momentos, desde as intensas análises psicométricas aos dias frios que só se tornaram suportáveis de trabalhar graças ao aquecedor que você comprou pensando no meu bem-estar. Obrigada por me cuidar com tanto amor e nunca sair do meu lado, especialmente naqueles dias mais difíceis. Crescemos juntos, desde o ensino médio, passando pelo cursinho, vestibulares, faculdade em estados diferentes e agora o mestrado. Que sorte a minha ter te encontrado tão cedo, isso nos permitiu viver cada etapa de mãos dadas. Essa conquista é nossa.

Aos meus pais, Fabiana e Carlos, minha eterna gratidão. Mesmo sem terem tido a oportunidade de cursar o ensino superior e sem sequer terem

concluído o ensino médio, vocês nunca mediram esforços para que eu e meu irmão tivéssemos as escolhas que vocês não puderam ter. Obrigada por todas as renúncias, pelo trabalho duro, por se preocuparem em silêncio e do quanto abdicaram da vida de vocês para que a minha pudesse ser melhor. Cada esforço, cada cuidado e todo o amor e dedicação que vocês depositaram na minha formação foram fundamentais para que eu pudesse estar aqui hoje, ocupando um lugar na universidade pública e recebendo este título. A vocês, dedico tudo o que sou e ainda me tornarei.

Ao meu irmão, Gabriel, obrigada por abrir o caminho e me permitir trilhá-lo com mais tranquilidade. Ser sua irmã é uma das maiores alegrias da minha vida.

Às minhas avós, Benedita, Eulália e Vilma, que infelizmente já não se encontram neste plano, mas cuja presença sinto em todos os momentos, obrigada por me guiarem. Se hoje me torno uma grande mulher, é porque, antes de mim, vocês também foram.

Agradeço aos meus amigos, especialmente a Bruna e a Camila, por estarem sempre por perto, cada uma do seu jeito. Ter vocês na minha vida é um verdadeiro presente.

Aos meus sogros, Jadi e Luciano, agradeço de coração pelo carinho, pelo apoio constante durante essa caminhada e por toda ajuda oferecida em todos os momentos que precisei.

A Deus e à Nossa Senhora, que velam por mim, me guardam e me protegem, sou imensamente grata por nunca me deixarem desamparada.

E a todos que cruzaram meu caminho ao longo desta jornada do mestrado e contribuíram, de alguma forma, para o meu crescimento pessoal e profissional, deixo aqui o meu profundo agradecimento.

"Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas quem vai acompanhado, com certeza, vai mais longe".

(Clarice Lispector).

RESUMO

Introdução: O comer emocional é caracterizado pela ingestão de alimentos em resposta às emoções. Esse tema tem sido recorrente nos estudos sobre comportamento alimentar por estar associado à regulação emocional inadequada e a condições crônicas não transmissíveis, como obesidade e transtornos alimentares. O *Florence Emotional Eating Drive* (FEED) *Questionnaire* foi desenvolvido para avaliar a frequência e a intensidade do impulso para comer diante de estados emocionais, representando um avanço no rastreamento desse comportamento. No Brasil, o FEED foi traduzido e adaptado, mas suas propriedades psicométricas ainda não tinham sido analisadas. **Objetivos:** Validar o modelo fatorial do FEED para uma amostra de brasileiros e investigar diferenças de gênero e correlações entre comer emocional, idade e índice de massa corporal (IMC). **Metodologia:** Trata-se de estudo observacional do tipo transversal, realizado entre novembro de 2022 e agosto de 2023, com 1.274 participantes (54,6% homens; idade: 18 ou mais). A coleta de dados foi realizada online e o formulário continha questões sociodemográficas e os itens do FEED e da *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES). As propriedades psicométricas do modelo fatorial do FEED foram investigadas via análise fatorial confirmatória para avaliar a validade e a confiabilidade dos dados e os resultados foram apresentados por gênero. A comparação dos escores de comer emocional entre os gêneros e sua correlação com idade e IMC foram analisadas pelos testes *Mann-Whitney* e *Spearman*, respectivamente ($p < 0,05$). **Resultados:** Um modelo refinado com 21 itens e três fatores foi o que demonstrou boas propriedades de validade e confiabilidade tanto para os homens quanto para as mulheres. Um modelo hierárquico de segunda ordem foi também testado e considerado adequado para as amostras, permitindo assim o cálculo de um escore global de comer emocional. A maioria dos participantes foi classificada com nenhuma ou baixa vontade de comer por razões emocionais, com maior prevalência desse desfecho nos homens. Diferenças significativas entre os gêneros emergiram, com as mulheres apresentando pontuações mais altas de comer emocional. Correlações positivas e significativas foram encontradas entre idade, IMC e comer emocional. **Conclusão:** O FEED demonstrou validade e confiabilidade após refinamento, sendo, portanto, nessa configuração, capaz de

capturar o comer emocional no contexto investigado de adultos brasileiros. As mulheres foram mais propensas ao comer para regular emoções, e maior *status* de peso e de idade foram correlacionados positivamente com esse tipo de comportamento alimentar.

Palavras-Chave: comer emocional; comportamento alimentar; instrumento; validação; psicometria; gênero.

ABSTRACT

Introduction: Emotional eating is characterized by the intake of food in response to emotions. This topic has been recurrent in studies on eating behavior because it is associated with inadequate emotional regulation and non-communicable chronic conditions, such as obesity and eating disorders. The Florence Emotional Eating Drive (FEED) Questionnaire was developed to assess the frequency and intensity of the urge to eat in the face of emotional states, representing an advancement in the screening of this behavior. In Brazil, the FEED was translated and adapted, but its psychometric properties had not yet been analyzed.

Objectives: To validate the factorial model of the FEED for a sample of Brazilians and to investigate gender differences and correlations between emotional eating, age, and body mass index (BMI).

Methodology: This is a cross-sectional observational study conducted between November 2022 and August 2023, with 1,274 participants (54.6% men; age: 18 or older). Data collection was carried out online and the form contained sociodemographic questions and the items of the FEED and the Positive-Negative Emotional Eating Scale (PNEES). The psychometric properties of the FEED factorial model were investigated through confirmatory factor analysis to assess the validity and reliability of the data, and the results were presented by gender. The comparison of emotional eating scores between genders and their correlation with age and BMI were analyzed using the Mann-Whitney and Spearman tests, respectively ($p < 0.05$).

Results: A refined model with 21 items and three factors was the one that demonstrated good validity and reliability properties for both men and women. A second-order hierarchical model was also tested and considered adequate for the samples, thus allowing the calculation of a global emotional eating score. Most participants were classified as having no or low desire to eat for emotional reasons, with a higher prevalence of this outcome among men. Significant differences between genders emerged, with women presenting higher emotional eating scores. Positive and significant correlations were found between age, BMI, and emotional eating.

Conclusion: The FEED demonstrated validity and reliability after refinement and is, therefore, in this configuration, capable of capturing emotional eating in the investigated context of Brazilian adults. Women were more prone to

eating to regulate emotions, and higher weight status and older age were positively correlated with this type of eating behavior.

Keywords: emotional eating; eating behavior; instrument; validation, psychometrics; gender.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	OBJETIVOS.....	19
	2.1 Objetivo Geral.....	19
	2.2 Objetivos Específicos	19
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	20
	3.1 Fundamentos teóricos sobre emoções	20
	3.2 Teorias sobre o comer emocional.....	23
	3.3 Comer emocional e seus fatores associados	25
	3.4 Instrumentos Psicométricos.....	29
	3.5 Florence Emotional Eating Drive (FEED) Questionnaire	32
4	MÉTODOS	34
	4.1 Delineamento do estudo e tamanho da amostra.....	34
	4.2 Participantes.....	34
	4.3 Procedimentos e Aspectos Éticos	34
	4.4 Caracterização da amostra de estudo.....	35
	4.5 Instrumentos	35
	4.6 Análises de Dados	36
5	RESULTADOS	39
6	DISCUSSÃO.....	53
7	CONCLUSÃO	58
	REFERÊNCIAS.....	59
	ANEXO A.	73

1 INTRODUÇÃO

A alimentação constituiu uma atividade essencial à manutenção da vida, desempenhando a função de suprir as necessidades energéticas e nutricionais do organismo (Guansheng, 2015). No entanto, esse processo não se restringe à esfera biológica, sendo permeado por determinantes psicológicos, sociais e culturais que influenciam a forma como os indivíduos se relacionam com os alimentos (Guansheng, 2015; Reichenberger et al., 2018; Torres & Nowson, 2007). Nesse cenário, o comportamento alimentar configura-se como um construto polissêmico, com definições diversas a depender do referencial teórico adotado. Entre essas possibilidades conceituais, destaca-se a compreensão do comportamento alimentar como o conjunto de cognições e afetos que orienta e organiza as condutas relacionadas à alimentação (Alvarenga et al., 2025). Tal construto emerge da interação dinâmica entre mecanismos biológicos de regulação energética e processos cognitivos, emocionais e influências socioculturais, evidenciando a natureza multifatorial e complexa da alimentação humana (Macht, 2008; Sze et al., 2021).

Diferentes aspectos podem influenciar o comportamento alimentar, com destaque para as emoções que têm a capacidade de impulsionar tanto o tipo quanto a quantidade de alimentos ingeridos, por meio de processos automáticos, isto é, desatentos (Frijda, 1986; Macht & Simons, 2011). As emoções são tradicionalmente definidas como estados afetivos intensos e de curta duração, que envolvem componentes fisiológicos, cognitivos, comportamentais e subjetivos, desencadeados por eventos avaliados como relevantes pelo indivíduo (Ekman, 1992; Lazarus, 1991). Diferenciam-se dos sentimentos por seu caráter mais reativo e efêmero (Bock, 2008) e dos estados de humor por sua maior intensidade e especificidade situacional (Watson & Tellegen, 1985). Assim, as emoções podem desencadear respostas comportamentais imediatas, incluindo modificações no comportamento alimentar, em função de sua capacidade de mobilizar o organismo para a ação (Bock, 2008; Frijda, 1986; Macht, 2008).

A investigação sobre o comportamento alimentar evidencia a relevância das emoções no surgimento de padrões não homeostáticos de ingestão, como o comer emocional. Nessa perspectiva, a distinção entre fome fisiológica e fome emocional revela-se crucial, pois essas experiências se baseiam em mecanismos

regulatórios distintos, ainda que inter-relacionados. A fome fisiológica constitui um estado interno progressivo, resultante de necessidades energéticas objetivas e da manutenção da homeostase. Manifesta-se por meio de sinais corporais como a secreção de peptídeos gastrointestinais que indicam ao organismo a falta de energia (Beaulieu & Blundell, 2020). Tal processo é rigidamente controlado por mecanismos neuroendócrinos complexos, nos quais hormônios como grelina, leptina e insulina atuam sobre núcleos hipotalâmicos, modulando a sensação de apetite e os circuitos neurais de saciedade conforme as reservas energéticas disponíveis (Halpern et al., 2004).

Em contrapartida, a fome emocional emerge na atenuação de sinais homeostáticos e é predominantemente impulsionada por demandas afetivas e processos de regulação emocional irregular (Macht, 2008; Sze et al., 2021). Nesse contexto, o alimento adquire função simbólica e passa a operar como um mecanismo compensatório, utilizado para amenizar ou suprimir estados emocionais negativos, percebidos como desagradáveis, tais como frustração, raiva ou ansiedade, ainda que de modo temporário e não adaptativo (Heatherton, 1991; Van Strien et al., 1986). No entanto, quando há déficits em habilidades interpessoais, baixa tolerância ao mal-estar, prejuízos na efetividade interpessoal e/ou repertório limitado de estratégias de coping, o alimento pode passar a assumir papel regulatório predominante. Nessas circunstâncias, embora o ato de comer possa proporcionar alívio emocional imediato, essa estratégia adquire relevância clínica à medida que limita o desenvolvimento e a utilização de formas mais adequadas de autorregulação emocional, podendo contribuir, a longo prazo, para desfechos psicológicos e comportamentais desfavoráveis (I. Silva et al., 2025; Zhou et al., 2025).

Estudos realizados em variados contextos culturais têm demonstrado que o comer emocional manifesta-se de maneira diferente entre os gêneros, sendo as mulheres consistentemente mais suscetíveis a esse comportamento quando expostas a estímulos emocionais negativos (Dakanalis et al., 2023; Davis E et al., 2012). Um estudo conduzido na Índia com 102 participantes identificou prevalência de 22% de comer emocional, com maior incidência entre mulheres que relataram experiências de ansiedade e raiva (Zammer et al., 2024). Resultados semelhantes foram observados em outro estudo com amostra de 522 adultos turcos, na qual as mulheres apresentaram uma probabilidade, quase quatro vezes superior à dos homens, de

recorrerem a alimentos hipercalóricos e ricos em gordura e açúcar em resposta a estados emocionais adversos (Bozkurt et al., 2024).

Em uma investigação realizada na Romênia, envolvendo 300 participantes, cerca de metade relatou comportamentos de comer emocional, predominando novamente entre as mulheres, que também apresentaram tendência à superestimação do peso corporal. Essa distorção perceptiva correlacionou-se significativamente com maior propensão à ingestão alimentar mediada por emoções, sugerindo que a distorção da imagem corporal pode atuar como fator associado ao comer emocional (Serban et al., 2025). No contexto brasileiro, o estudo do comer emocional ainda é incipiente. Algumas evidências sugerem que o estresse desempenha papel relevante na manutenção desse comportamento, uma vez que diferentes fases da resposta ao estresse estão associadas à perda da sensibilidade aos sinais fisiológicos de fome e saciedade. Esse processo favorece a ingestão de alimentos em situações não relacionadas à necessidade energética, contribuindo para o ganho ponderal e para a consolidação de um ciclo de comer emocional (Gonçalves et al., 2024).

A compreensão da influência moduladora dos estados emocionais sobre o comportamento alimentar é fundamental para o delineamento de estratégias eficazes de promoção da saúde e prevenção de desfechos adversos, considerando que as respostas emocionais constituem um componente intrínseco à dinâmica da ingestão alimentar. Dessa forma, sua investigação é relevante, mas também é um desafio, pois o comer emocional não pode ser mensurado diretamente, demandando, muitas vezes, de análises subjetivas. Uma maneira estruturada de se investigar o comer emocional que tem ganhado espaço na literatura é por meio da utilização de instrumentos psicométricos. Esses possibilitam a operacionalização de construtos latentes, como o comer emocional, por meio de itens que representam, de forma indireta, os domínios teóricos subjacentes. Entre os instrumentos psicométricos disponíveis para rastrear o comportamento de comer emocional, destaca-se a *Emotional Eating Scale* — EES (Arnou et al., 1995), o Three-Factor Eating Questionnaire – TFEQ-18 (Karlsson et al., 2000), o *Emotional Appetite Questionnaire* – EMAQ (Geliebter & Aversa, 2003), a *Positive-Negative Emotional Eating Scale* – PNEES (Sultson et al., 2017) e o *Florence Emotional Eating Drive* (FEED) *Questionnaire* (Cassioli et al., 2022).

Cada instrumento mencionado anteriormente oferece características distintas para investigar o comer emocional. Alguns têm um escopo mais amplo, como

o TFEQ-18, que também avalia outros tipos de comportamento alimentar, como o restritivo cognitivo e o descontrolado. Outros instrumentos, como a EES, focam especificamente em estados emocionais. Embora todos esses instrumentos sejam úteis, alguns têm sido considerados mais proeminentes devido à sua capacidade de identificar com mais especificidade e assertividade padrões emocionais associados ao comer, beneficiando assim intervenções.

O FEED tem sido considerado um instrumento psicométrico promissor para investigar o comer emocional, uma vez que foi desenvolvido com o propósito de investigar a associação entre a frequência com que determinadas emoções são vivenciadas e a intensidade do impulso por comer. Desenvolvido na Itália por Cassioli et al. (2022), o FEED contribui de forma relevante para o mapeamento mais assertivo das interações entre estados emocionais e comportamento alimentar. O instrumento concentra-se em emoções negativas e inclui 23 itens distribuídos em três fatores denominados pelos autores como depressão, raiva e ansiedade. Para responder aos itens, o FEED possui duas escalas do tipo *Likert* de cinco pontos, uma medindo a frequência da emoção e a outra avaliando a intensidade da vontade de comer desencadeada por essa emoção. Assim, cada item do instrumento é respondido duas vezes, conforme o contexto da pergunta. Depois, essas duas escalas de resposta são combinadas para estimar a variação no impulso de comer na presença de estados emocionais, performando uma outra escala de dez pontos, com a extremidade superior indicando maior intensidade para o comer emocional.

Em 2024, Silva et al. (2024) realizam estudo de adaptação transcultural do FEED disponibilizando em âmbito brasileiro uma versão em português do instrumento. Apesar desse avanço, a investigação de suas propriedades psicométricas não foi realizada de maneira completa, o que restringe sua aplicabilidade em avaliações subsequentes. Ademais, embora haja no cenário nacional estudos que investigaram o impacto das emoções no comportamento alimentar, até onde a revisão deste trabalho alcançou, nenhum havia ainda examinado a frequência com que emoções são experienciadas e a intensidade do desejo de comer a elas associado. Essa lacuna torna-se particularmente relevante dado o aumento das prevalências de sobrepeso, obesidade e transtornos alimentares, na maioria das vezes associados a padrões alimentares desregulados devido aos estados emocionais alterados (Braden et al., 2018; Zhang et al., 2020). Dessa forma, o presente estudo busca favorecer dados que

contribuam para futuras investigações científicas e clínicas no cenário do comportamento alimentar emocional.

7 CONCLUSÃO

Este estudo representa um avanço importante na investigação do comer emocional, sendo o primeiro a avaliar as propriedades psicométricas do FEED em brasileiros por meio de estratégia confirmatória e a investigar o impulso para comer frente a um conjunto amplo de emoções. Como principal contribuição, foi validado um modelo hierárquico de segunda ordem do instrumento para o rastreamento global do comer emocional dos participantes, uma vez que bom ajuste aos dados. Esse achado sugere que o comer emocional pode ser um construto composto por dimensões subjacentes interrelacionadas. Adicionalmente, os dados sobre o impulso para comer frente as emoções indicaram que a maioria dos participantes apresentou ausência ou baixa vontade de comer diante de emoções, com prevalência maior entre os homens. Estudos futuros podem replicar o protocolo adotado no presente trabalho com outras amostras de contextos distintos visando consolidar o FEED como uma ferramenta útil para rastrear o comer emocional em âmbito brasileiro.

REFERÊNCIAS

ACKARD, D.; FULKERSON, J.; NEUMARK-SZTAINER, D. Prevalence and utility of DSM-IV eating disorder diagnostic criteria among youth. *International Journal of Eating Disorders*, v. 40, p. 409-417, 2007.

ALLISON, D.; HESHKA, S. Emotion and eating in obesity? A critical analysis. *International Journal of Eating Disorders*, v. 13, n. 3, p. 289-295, 1993.

ALVARENGA, M.; FIGUEIREDO, M.; TIMERMAN, F.; ANTONACCIO, C. *Nutrição comportamental*. 3. ed. Barueri: Manole, 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5-TR)*. 5. ed. Washington, DC: APA, 2022.

ANVERSA, R. et al. A review of sex differences in the mechanisms and drivers of overeating. *Frontiers in Neuroendocrinology*, v. 63, p. 100941, 2021.

ARNOW, B.; KENARDY, J.; AGRAS, W. The emotional eating scale: the development of a measure to assess coping with negative affect by eating. *International Journal of Eating Disorders*, v. 18, n. 1, p. 79-90, 1995.

AZEVEDO, L. D. S. S. et al. Binge eating and alcohol consumption: an integrative review. *Eating and Weight Disorders*, v. 26, p. 759-769, 2021.

BAIK, J. Dopamine signaling in food addiction: role of dopamine D2 receptors. *BMB Reports*, v. 46, n. 11, p. 519-526, 2013.

BARNHART, W. R.; BRADEN, A. L.; PRICE, E. Emotion regulation difficulties interact with negative, not positive, emotional eating to strengthen relationships with disordered eating: an exploratory study. *Appetite*, v. 158, p. 105038, 2021.

BARRETT, L. Solving the emotion paradox: categorization and the experience of emotion. *Personality and Social Psychology Review*, v. 10, n. 1, p. 20-46, 2006.

BARRETT, L. F.; OCHSNER, K. N.; GROSS, J. J. On the automaticity of emotion. In: BARGH, J. A. (ed.). Social psychology and the unconscious: the automaticity of higher mental processes. New York: Psychology Press, 2007.

BAZHAN, N.; ZELENIA, D. Food-intake regulation during stress by the hypothalamo-pituitary-adrenal axis. Brain Research Bulletin, v. 95, p. 46-53, 2013.

BEAULIEU, K.; BLUNDELL, J. The psychobiology of hunger – a scientific perspective. Topoi, v. 40, 2020.

BOCK, A. M. B. et al. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

BOCK, A. M. B. et al. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOOTH, D. The psychology of nutrition. London: Taylor & Francis, 1994.

BOURDIER, L. et al. Validation and factor structure of the French-language version of the emotional appetite questionnaire (EMAQ). Frontiers in Psychology, v. 8, p. 442, 2017.

BOZKURT, O.; ÇAMLI, A.; KOCAADAM-BOZKURT, B. Factors affecting food addiction: emotional eating, palatable eating motivations, and BMI. Food Science & Nutrition, v. 12, n. 9, p. 6841-6848, 2024.

BRADEN, A.; AHLICH, E.; KOBALL, A. Emotional eating and obesity: an update and new insights. Current Obesity Reports, v. 14, n. 1, p. 70, 2025.

BRADEN, A.; MUSHER-EIZENMAN, D.; WATFORD, T.; EMLEY, E. Eating when depressed, anxious, bored, or happy: are emotional eating types associated with

unique psychological and physical health correlates? *Appetite*, v. 125, p. 410-417, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020.

BRECHAN, I.; KVALEM, I. Relationship between body dissatisfaction and disordered eating: mediating role of self-esteem and depression. *Eating Behaviors*, v. 17, p. 49-58, 2015.

BRITO, T. et al. Psychometric evaluation of the medical outcomes study social support survey in Brazilian older people: psychometric evaluation of MOS-SSS. *International Journal of Older People Nursing*, v. 19, n. 6, e12654, 2024.

BROWN, T. *Confirmatory factor analysis for applied research*. 2. ed. New York: Guilford Publications, 2015.

BRUCH, H. Psychological aspects in overeating and obesity. *Psychosomatics*, v. 5, p. 269-274, 1964.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CALDERÓN-ASENJO, R. E. et al. Association between emotional eating, sociodemographic characteristics, physical activity, sleep duration, and mental and physical health in young adults. *Journal of Multidisciplinary Healthcare*, v. 15, p. 2845-2859, 2022.

CANETTI, L.; BACHAR, E.; BERRY, E. M. Food and emotion. *Behavioural Processes*, v. 60, n. 2, p. 157-164, 2002.

CASSIOLI, E. et al. The Florence Emotional Eating Drive (FEED): a validation study of a self-report questionnaire for emotional eating. *Eating and Weight Disorders*, v. 27, n. 2, p. 751-759, 2022.

COHEN, J. Statistical power analysis for the behavioral sciences. 2. ed. New York: Academic Press, 1988.

DAKANALIS, A. et al. The association of emotional eating with overweight/obesity, depression, anxiety/stress, and dietary patterns: a review of the current clinical evidence. *Nutrients*, v. 15, n. 5, p. 1173, 2023.

DAMÁSIO, A. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMÁSIO, A. E o cérebro criou o homem. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAVIS, E.; GREENBERGER, E.; CHARLES, S. et al. Emotion experience and regulation in China and the United States: how do culture and gender shape emotion responding? *International Journal of Psychology*, v. 47, p. 230-239, 2012.

DU, C. et al. Gender differences in the relationships between perceived stress, eating behaviors, sleep, dietary risk, and body mass index. *Nutrients*, v. 14, n. 5, p. 1045, 2022.

DUNN, T.; BAGULEY, T.; BRUNSDEN, V. From alpha to omega: a practical solution to the pervasive problem of internal consistency estimation. *British Journal of Psychology*, v. 105, n. 3, p. 399-412, 2013.

EBRAHIMI, E.; MARDANI-HAMOOLEH, M.; KHEZELI, M. Traces of social culture in the lived experiences of emotional eating among Iranian obese women. *BMC Public Health*, v. 24, n. 1, p. 1982, 2024.

EKMAN, P. An argument for basic emotions. *Cognition & Emotion*, v. 6, n. 3-4, p. 169-200, 1992.

EKMAN, P.; DAVIDSON, R. J. The nature of emotion: fundamental questions. New York: Oxford University Press, 1994.

FEAYN, M. L.; SIMONE; KNAUPER, B. Emotional eating and weight regulation: a qualitative study of compensatory behaviors and concerns. *Journal of Eating Disorders*, v. 6, n. 1, p. 1-10, 2018.

FINNEY, J.; DISTEFANO, C.; KOPP, P. Overview of estimation methods and preconditions for their application with structural equation modeling. In: SCHWEIZER, K.; DISTEFANO, C. (ed.). *Principles and methods of test construction: standards and recent advances*. Göttingen: Hogrefe, 2016. p. 135-165.

FORD, J.; MACCALLUM, R.; TAIT, M. The application of exploratory factor analysis in applied psychology: a critical review and analysis. *Personnel Psychology*, v. 39, n. 2, p. 291-314, 1986.

FORNELL, C.; LARCKER, D. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, v. 18, n. 1, 1981.

FRIJDA, N. H. *The emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

FUENTE GONZÁLEZ, C. E. et al. Relationship between emotional eating, consumption of hyperpalatable energy-dense foods, and indicators of nutritional status: a systematic review. *Journal of Obesity*, v. 2022, p. 4243868, 2022.

GADERMANN, A. M.; GUHN, M.; ZUMBO, B. D. Estimating ordinal reliability for Likert-type and ordinal item response data: a conceptual, empirical, and practical guide. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, v. 17, n. 3, p. 1-13, 2012.

GALMICHE, M.; DÉCHELOTTE, P.; LAMBERT, G.; TAVOLACCI, M. Prevalence of eating disorders over the 2000-2018 period: a systematic literature review. *American Journal of Clinical Nutrition*, v. 109, p. 1402-1413, 2019.

GELIEBTER, A.; AVERSA, A. Emotional eating in overweight, normal weight, and underweight individuals. *Eating Behaviors*, v. 3, n. 4, p. 341-347, 2003.

GONÇALVES, I. et al. Interrelation of stress, eating behavior, and body adiposity in women with obesity: do emotions matter? *Nutrients*, v. 16, n. 23, p. 4133, 2024.

GRANDEY, A. A. Emotional regulation in the workplace: a new way to conceptualize emotional labor. *Journal of Occupational Health Psychology*, v. 5, n. 1, p. 95-110, 2000.

GROSS, J. Antecedent- and response-focused emotion regulation: divergent consequences for experience, expression, and physiology. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 74, n. 1, p. 224-237, 1998.

GUANSHENG, G. Food, eating behavior, and culture in Chinese society. *Journal of Ethnic Foods*, v. 2, n. 4, p. 195-199, 2015.

GUERRERO, E.; STAMMERS, L.; WONG, L.; BROWN, R.; SUMITHRAN, P. Comparison of emotional triggers for eating in men and women with obesity. *Nutrients*, v. 14, n. 19, p. 4144, 2022.

HAEDT-MATT, A.; KEEL, P.; RACINE, S. et al. Do emotional eating urges regulate affect? Concurrent and prospective associations and implications for risk models of binge eating. *International Journal of Eating Disorders*, v. 47, n. 8, p. 874-877, 2014.

HALPERN, Z.; RODRIGUES, M.; COSTA, R. Physiological determinants of weight and appetite control. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 31, n. 4, p. 150-153, 2004.

HEATHERTON, T. F.; HERMAN, C. P.; POLIVY, J. Effects of physical threat and ego threat on eating behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 60, n. 1, p. 138-143, 1991.

HERMAN, C. P.; POLIVY, J. A boundary model for the regulation of eating. In: Eating and its disorders. New York: Academic Press, 1984. p. 141-156.

HU, L.; BENTLER, P. Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. Structural Equation Modeling, v. 6, n. 1, p. 1-55, 1999.

JOHNSON, T. Snowball sampling: introduction. Wiley StatsRef: Statistics Reference Online, p. 1-3, 2014.

JORGENSEN, T. D. et al. semTools: useful tools for structural equation modeling. Versão 0.5-3. [S. l.]: CRAN, 2020.

KAMARIA, K.; AYIESAH, R. Body image perception, body shape concern and body shape dissatisfaction among undergraduate students. Jurnal Teknologi, v. 78, p. 37-42, 2016.

KANDIAH, J. et al. Stress influences appetite and comfort food preferences in college women. Nutrition Research, v. 26, n. 3, p. 118-123, 2006.

KARLSSON, J. et al. Psychometric properties and factor structure of the three-factor eating questionnaire (TFEQ) in obese men and women. International Journal of Obesity, v. 24, n. 12, p. 1715-1725, 2000.

KHEIROLLAHPOUR, M. et al. Prediction of the influential factors on eating behaviors: a hybrid model of structural equation modelling-artificial neural networks. Scientific World Journal, 2020.

KIRCH, J. R. Obesidade, causas e o tratamento à luz da psicanálise. [S. l.: s. n.], 2017.

KLATZKIN, R. R.; BALDASSARO, A.; HAYDEN, E. The impact of chronic stress on the predictors of acute stress-induced eating in women. *Appetite*, v. 123, p. 343-351, 2018.

KLINE, R. B. Principles and practice of structural equation modeling. 4. ed. New York: Guilford Press, 2016.

KOBALL, A. et al. Eating when bored: revision of the emotional eating scale with a focus on boredom. *Health Psychology*, v. 31, n. 4, p. 521-524, 2012.

KONTTINEN, H. et al. Depression, emotional eating and long-term weight changes: a population-based prospective study. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, v. 16, n. 1, p. 1-11, 2019.

LANG, P.; BRADLEY, M. Emotion and the motivational brain. *Biological Psychology*, v. 84, p. 437-450, 2010.

LAZARUS, R. S. Emotion and adaptation. New York: Oxford University Press, 1991.

LEDOUX, J. Unconscious and conscious contributions to the emotions and cognitive aspects of emotions: a comment on Scherer's view of what an emotion is. *Social Science Information*, v. 46, 2007.

LEEDS, J.; KEITH, R.; WOLOSHYNOWYCH, M. Food and mood: exploring the determinants of food choices and the effects of food consumption on mood among women in Inner London. *World Nutrition*, v. 11, n. 1, p. 68-96, 2020.

LEVENSON, R. W. The intrapersonal functions of emotion. *Cognition & Emotion*, v. 13, p. 481-504, 1999.

LEVITAN, R. D.; DAVIS, C. Emotions and eating behavior: implications for the current obesity epidemic. *University of Toronto Quarterly*, v. 79, n. 2, p. 783-799, 2010.

LOVALLO, W.; THOMAS, T. Stress hormones in psychophysiological research: emotional, behavioral, and cognitive implications. In: CACIOPPO, J. T. et al. (ed.). Handbook of psychophysiology. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LU, Q. et al. Emotion regulation, emotional eating and the energy-rich dietary pattern: a population-based study in Chinese adolescents. *Appetite*, v. 99, p. 149-156, 2016.

MACHT, M. How emotions affect eating: a five-way model. *Appetite*, v. 50, n. 1, p. 1-11, 2008.

MACHT, M.; ROTH, S.; ELLGRING, H. Chocolate eating in healthy men during experimentally induced sadness and joy. *Appetite*, v. 39, n. 2, p. 147-158, 2002.

MACHT, M.; SIMONS, G. Emotional eating. In: *Emotion regulation and well-being*. New York: Springer, 2011. p. 281-295.

MARÔCO, J. Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software & aplicações. 3. ed. Però Pinheiro: ReportNumber, 2021.

MARTINS, B. G. et al. Psychometric characteristics of the three-factor eating questionnaire-18 and eating behavior in undergraduate students. *Eating and Weight Disorders*, v. 26, n. 2, p. 525-536, 2021.

MAUSS, I. B. et al. The tie that binds? Coherence among emotion experience, behavior, and physiology. *Emotion*, v. 5, n. 2, p. 175-190, 2005.

MEMON, M. et al. Sample size for survey research: review and recommendations. *Journal of Applied Structural Equation Modeling*, v. 4, n. 2, p. 1-20, 2020.

MENTO, C. et al. Sex differences in emotions and eating behaviors among people affected by obesity. *Brain Sciences*, v. 12, n. 12, p. 1663, 2022.

MERVE, P. et al. Eating disorder risk in adult women: the role of social physique anxiety and emotional eating. *Current Psychology*, v. 44, n. 1, p. 2884-2894, 2025.

MIKOLAJCZYK, R.; EL ANSARI, W.; MAXWELL, A. Food consumption frequency and perceived stress and depressive symptoms among students in three European countries. *Nutrition Journal*, v. 8, p. 31, 2009.

MOREIRA, G. S. X. et al. Transcultural adaptation procedures for the Dutch eating behavior questionnaire (DEBQ) for Brazil. *Avaliação Psicológica*, v. 16, n. 4, p. 426-435, 2017.

MOYNIHAN, A. B. et al. Eaten up by boredom: consuming food to escape awareness of the bored self. *Frontiers in Psychology*, v. 6, p. 369, 2015.

NOLAN, L.; HALPERIN, L.; GELIEBTER, A. Emotional appetite questionnaire: construct validity and relationship with BMI. *Appetite*, v. 54, p. 314-319, 2010.

PLUTCHIK, R.; CONTE, H. R. Circumplex models of personality and emotions. Washington, DC: American Psychological Association, 1997.

RAHME, C. et al. Emotional eating among Lebanese adults: scale validation, prevalence and correlates. *Eating and Weight Disorders*, v. 26, n. 4, p. 1069-1078, 2021.

REICHENBERGER, J. et al. No haste, more taste: an EMA study of the effects of stress, negative and positive emotions on eating behavior. *Biological Psychology*, v. 131, p. 54-62, 2018.

REICHENBERGER, J.; SCHNEPPER, R.; AREND, A.-K.; BLECHERT, J. Emotional eating in healthy individuals and patients with an eating disorder:

evidence from psychometric, experimental and naturalistic studies. *Proceedings of the Nutrition Society*, v. 79, n. 3, p. 290-299, 2020.

REVELLE, W. *psych: procedures for psychological, psychometric, and personality research*. Versão 1.9.12. [S. l.]: CRAN, 2019.

ROAZZI, A.; FEDERICCI, F. C. B.; WILSON, M. A estrutura primitiva da representação social do medo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n. 1, p. 57-72, 2001.

ROSSEEL, Y. *Lavaan: an R package for structural equation modeling and more*. *Journal of Statistical Software*, v. 48, n. 2, p. 1-36, 2012.

ROZIN, P. Food is fundamental, fun, frightening, and far-reaching. *Social Research*, v. 66, p. 9-30, 1999.

SAMUELS, K.; MAINE, M.; TANTILLO, M. Disordered eating, eating disorders, and body image in midlife and older women. *Current Psychiatry Reports*, v. 21, p. 70, 2019.

SCHACHTER, S.; SINGER, J. Cognitive, social, and physiological determinants of emotional state. *Psychological Review*, v. 69, n. 5, p. 379-399, 1962.

SCHERER, K. What are emotions? And how can they be measured? *Social Science Information*, v. 44, n. 4, p. 695-729, 2005.

SCHNEPPER, R. et al. Emotional eating: elusive or evident? Integrating laboratory, psychometric and daily life measures. *Eating and Weight Disorders*, v. 28, p. 74, 2023.

SCHREIBER, J. B. et al. Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: a review. *The Journal of Educational Research*, v. 99, p. 323-338, 2006.

SERBAN, D.; BANU, A.; SERBAN, C. Emotional eating and body misperception among dental students from Romania: implications for targeted interventions. *Health Science Reports*, v. 2, p. 8, 2025.

SILVA, I. et al. Emotional eating and its relationship with symptoms of anxiety, depression, and stress during the COVID-19 pandemic: a multicenter study in college students. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 22, n. 3, p. 354, 2025.

SILVA, W. et al. Cross-cultural adaptation into Brazilian Portuguese and exploratory validation of two measures of emotional eating. *Revista de Nutrição*, v. 37, p. e240007, 2024.

SILVA, W. R.; MAROCO, J.; CAMPOS, J. Avaliação da estrutura fatorial do Body Shape Questionnaire: análise fatorial exploratória ou confirmatória? *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 67, p. 201-207, 2018.

SPOOR, S. T. P. et al. Relations between negative affect, coping, and emotional eating. *Appetite*, v. 48, p. 368-376, 2007.

SROUFE, L. A. Emotional development: the organization of emotional life in the early years. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

STUNKARD, A.; MESSICK, S. The three-factor eating questionnaire to measure dietary restraint, disinhibition and hunger. *Journal of Psychosomatic Research*, v. 29, p. 71-83, 1985.

SULTSON, H.; KUKK, K.; AKKERMANN, K. Positive and negative emotional eating have different associations with overeating and binge eating. *Appetite*, v. 116, p. 423-430, 2017.

SZE, K. et al. Prevalence of negative emotional eating and its associated psychosocial factors among urban Chinese undergraduates in Hong Kong. *BMC Public Health*, v. 21, n. 1, p. 583, 2021.

TORRES, S.; NOWSON, C. Relationship between stress, eating behavior, and obesity. *Nutrition*, v. 23, p. 887-894, 2007.

TURTON, R.; CHAMI, R.; TREASURE, J. Emotional eating, binge eating and animal models of binge-type eating disorders. *Current Obesity Reports*, v. 6, p. 217-228, 2017.

VALENTINI, F.; DAMÁSIO, B. Variância média extraída e confiabilidade composta: indicadores de precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. 2, 2016.

VAN STRIEN, T.; OUWENS, M. Effects of distress, alexithymia and impulsivity on eating. *Eating Behaviors*, v. 8, n. 2, p. 251-257, 2007.

VAN STRIEN, T. et al. The Dutch eating behavior questionnaire (DEBQ) for assessment of restrained, emotional, and external eating behavior. *International Journal of Eating Disorders*, v. 5, n. 2, p. 295-315, 1986.

VAZ, F. et al. Diferenciação e regulação emocional na idade adulta: tradução e validação de dois instrumentos de avaliação para a população portuguesa. *Colibri*, v. 2, p. 123-135, 2008.

VOLKOW, N. D.; O'BRIEN, C. P. Issues for DSM-V: should obesity be included as a brain disorder? *American Journal of Psychiatry*, v. 164, n. 5, p. 708-710, 2007.

WATSON, D.; TELLEGEN, A. Toward a consensual structure of mood. *Psychological Bulletin*, v. 98, n. 2, p. 219-235, 1985.

XU, Y. et al. Negative emotional eating patterns in general Chinese adults. *Eating Behaviors*, v. 54, 2024.

ZAISER, C. et al. Feeding the feelings: gender differences in emotional eating during COVID-19. *Frontiers in Nutrition*, v. 12, p. 1680872, 2025.

ZAMMER, U.; RAJ, E.; SANTHOSH, G. Influence of diet on emotional wellbeing: a gender perspective. *International Journal of Medical and Health Science*, v. 10, 2024.

ZHANG, R. et al. Wanting to eat matters: negative affect and emotional eating were associated with impaired memory suppression of food cues. *Appetite*, v. 150, 2020.

ZHOU, R. et al. Emotion regulation difficulties and disordered eating in adolescents and young adults: a meta-analysis. *Journal of Eating Disorders*, v. 13, 2025.